

Mar... marés e reveses...

Programar em alto som...nunca... nunca mais....

O baile na Sala Cabo Verde, já ia para lá de meio. O Comandante e sua inseparável "*fauna*" acompanhante, não arredavam pé dali...

O cheiro a suor de sovaco feminino tipicamente africano, inalava as minhas narinas, não deixando no entanto de me causar alguma nostalgia, em cima daquela de que já estava possuído.

Ainda não estava recomposto da "*banhada*", que me havia sido dada, pelo meu colega de infortúnio, ao sacar-me a minha apaixonada, e que tanto me custara a convencê-la a ir ouvir música ...ao meu camarote.

Sim, música. Pois... É verdade...

É certo que a aparelhagem não era de alta fidelidade. Mas o que é facto, é que com a vibração do veio propulsor, a melhor das aparelhagens terrenas, não conseguia fazer melhor.

Parece que o estou a ver... Estupor...

Faltavam 20 minutos para as 16.00 horas,

Fazia já algum tempo que o chegador me havia despertado da pequena sesta.

Estava quase a entrar de quarto.

O 2º oficial, já me havia tocado com as norsas dos dedos na porta do camarote, como que dizendo, que iria a caminho da messe, para lanchar; pelo que, eu me deveria apressar.

Abri a porta do camarote. Cheguei o par de sapatos de trabalho...

Ajoelhei sobre o tapete. Calcei um. Preparei o outro.

Instintivamente, pus a cabeça fora da porta, enquanto enfiava o outro ...

E zás!... Aí estava a "*banhada*"...

O "*filho da mãe*", de saída do camarote e acompanhado da minha apaixonada...

Fiquei para morrer. Mas enfim...aí vou eu de rota batida até à messe, pois já era tarde.

O pasteleiro havia-se esmerado. Presenteou-nos com dois tabuleiros de pasteis de nata.

Abancados à mesa, o Imediato *Zip-zip*, o Praticante de Comissário Ponces de Carvalho e o 2º Veloso, competiam, iam eliminando fila atrás de fila, os pasteis de nata, que faziam parte daquele arranjo de doçaria.

Restou um. Procurei estender a mão para o apanhar. Tarde de mais.

O *Zip-zip* havia sido mais rápido do que eu.

Era a Lei dos mais rápidos... até, porque com a alimentação não se brinca.

Já não bastava o facto de meu colega me ter dado a "*banhada*", como ainda, não havia sobrado um pastel de nata.

Mas isto não ficaria assim!... O "*filho da mãe*" havia-me pregado uma "*banhada*". Não estava certo entre colegas. Tinha que lhe dizer uma das boas.

Se calhar, até me ia incompatibilizar com ele.

É melhor não. Cuidado! Até porque ele era 2º Oficial. E se ele me tomasse de ponta?... Fogo...

Mas aquilo tinha sido demais. "*Filho de uma cabra*", foi cá uma "*banhada*", *sem saber ler nem escrever*, e por cima a mim; ao Tranca line.

A casa da máquina estava um verdadeiro inferno. 65º/C.

O Rui da Figueira escorria suor, *em toda a área de "calvice"*, antecipada pela praxe e pela tesoura do 2º Oficial Romão.

Não demorou a passar-me o serviço. Foi um ar que lhe deu, direito às escadas de acesso ao corredor dos nossos alojamentos.

Dei a volta pela instalação. Parei na casa das máquinas frigoríficas, e aí, com o "*clima*" mais temperado e as ideias refrescadas, a imagem do outro a sair do camarote, com a minha apaixonada, "aqueceu-me" o meu espírito...

Era capaz de o "*comer vivo*".

Tinha que desabafar com alguém... Talvez com o 2º Veloso. Este, pela certa ia-se rir de mim...

Bolas. Não conto nada. Uma "*banhada*" é sempre uma "*banhada*".

Mas agora me lembro! No final do quarto, vou dar de caras com o 2º que me deu a "banhada".

E aí depois? Vai ser nessa altura que lhe vou dizer das boas.

Ai!...que não vou.

Mas pelo sim pelo não, será melhor ganhar coragem e contar tudo ao 2º Veloso.

Tenho que ouvir a sua opinião. Sim, até porque é o meu chefe, e ninguém melhor que ele me pode aconselhar.

Já estou a ver o 2º Veloso a gozar que nem um perdido.

Será que irá contar à malta? Se calhar até vai... Estou feito.

Já não bastava a "banhada", como ainda a figura de bobo e parvo, para não dizer outra coisa! Que iria fazer?

Será melhor não contar? Não, é melhor contar, porque mais cedo mais tarde, vem **a constar-se**.

Com o Porto de Luanda à vista, avizinhavam-se grandes "caçadas". Às pacaças, de pelo ralo e luzidio. Era assim que gostávamos delas...

Elas estavam ali à nossa frente.

A savana estava à altura ideal, o que permitiria um tiro de precisão e com bastante segurança. Assim as bestas se colocassem a jeito, para que lhe caíssemos em cima...

Esta vida do mar, permite cultivar e aperfeiçoar mentalmente, todas estas técnicas, porque há muito tempo para pensar...

Fazia muito calor. A Clara, uma das nossas acompanhantes e camarada nas grandes caçadas - sobrinha do Comandante - estava como nunca.

A "cabrona" era mesmo de se lhe tirar o chapéu.

A sua indumentária de amazona ficava-lhe mesmo a matar. Fazia lembrar a Jane do Tarzan...

Pensei que deveríamos ficar eternamente reconhecidos ao "Tio", por nos ter convidado para esta caçada.

Sabíamos que a caçada teria pelo menos que durar 3 dias e 2 noites, pois seria o tempo necessário, para que a carga destinada ao nosso navio, chegasse ao porto de Luanda.

Mas voltando à Clara, sobrinha preferida do Comandante!

Não sabia, naquela altura, se o volume dos seus seios era de facto real, ou se estariam "*beneficiados*", devido ao formato da jaqueta, e seus componentes, que serviam de cartucheira às balas da "Meuser".

Pela amostragem, deviam ser divinais.

Perante esta dúvida preferi, ficar pela primeira imagem, não fosse o meu ego ficar ferido, com alguma realidade que não fosse aquela que havia construído na minha mente.

O jeep deu um "*salto*". Parecia que tinha sido acossado por um rinoceronte...

Nada disso, o rodado do lado do condutor-guia havia caído numa vala, encoberta pelo mato rasteiro, atirando com o Comandante, para cima deste e pregando em simultâneo com a Clarinha para cima de mim.

Deixei escapar um grito de dor. Não por tê-la ao meu colo. E sem contar...

Não porque toda aquela beleza apetecível me tivesse magoado; mas sim, porque o cano da sua espingarda "*meuser*", me havia feito um golpe na cabeça, na região do parietal direito.

Os minutos seguintes pareciam ser uma dádiva do Criador.

O sonho tornado realidade, por casualidade ou mera antecipação, estava a acontecer.

Também não era menos verdade, que a minha cabeça estava completamente ensanguentada, e por tão pouco.

Abençoado buraco e quem o ali colocou...

Os primeiros socorros, ministrados pelas suaves e delicadas mãos da Clara, fizeram com que me esquecesse imediatamente da dor, e da imagem sempre latente, da "*banhada*" que havia sido pregada, dias passados a bordo.

Mas estamos ali, no meio do mato. Longe de tudo e todos, com excepção do grupo de caçadores, dos batedores, nós e alguns animais.

O acampamento não tardou a ser montado. Estava atento à disposição que estava a ser dada às tendas.

Tinha que estar a pau...mas seria que teria alguma hipótese?...

Ná...Vamos indo e vamos vendo.

As fogueiras foram feitas.. duas, três, mais...

O jantar estava a ser preparado pelo "*staff nativo*".

O fogo consumia a lenha...E a mim também.

Em redor da fogueira, como que venerando as suas labaredas escaldantes e "*ensanguentadas*", toda a comitiva tomara posição, aguardando o momento de "*dar ao dente*".

A Clara e a Nely, outra sobrinha do "Tio" sentaram-se, ladeando-me. Estava radioso.

Depois de uma "*banhada*" daquelas, o Rei Neptuno estava a redimir-se...

A bordo do AMÉLIA DE MELLO, o jantar é finalmente servido.

A bordo "*sopa do fogo*" ia ser servida.

Alguns passageiros convidados, faziam-nos companhia, ansiosos por provarem tão famoso e delicioso pitéu.

A *panela* estava cada vez mais apetecível. O despenseiro tinha dado uns bons nacos de carne e boa "*tora*", para que a sopa naquela noite pudesse ser mais um sucesso.

As sagradas mãos do azeitador senhor Raul faziam milagres.

O meu "*rival*", o da "*banhada*" ali estava.

E com ele, as más recordações e o meu desejo de vingança; ou seja, aquela natural simpatia que se apossa de nós, nestas situações, veio novamente à tona da água.

Não sei se lhe vou falar ou não. Se calhar, é melhor cumprimentar e "*dar às canelas*", o mais rapidamente possível.

Os 2^{os} rendem o quarto. Vai ser rápido, pois há festa na sala Luanda, com convidados de fora.

E o "filho da mãe", o meu "*rival*", claro!... vai-me "sacar" a namorada mais uma vez.

E eu que não posso fazer nada para o impedir.

Estou colérico. Palavra vou mandar-lhe umas "*bocas*".

Não. Isso não. Dá bronca e quem se "*lixa*" depois sou eu.

Não é melhor rogar-lhe umas pragazitas...

As pragas ficam só entre nós, e ninguém mais dará por isso.

É melhor umas pragazitas. Como por exemplo, "*que fique sem vontade...*" Ou coisa parecida. Mas sem fazer assim muito mal...

Têm é que ter relação e muito íntima com a "banhada". Disso é que não abdicó.

Não sei o que fazer. O 2º Veloso diz-me para me acalmar, que isto com o tempo passa, e que por aí não vem nenhum mal ao mundo.

Não percebo muito bem o que ele quer dizer com isto.

Mas pelo sim - e como normalmente tem sempre razão - é melhor seguir o seu conselho.

O quarto leva uma eternidade a passar.

A festa vai estar no fim...Será que ainda irei chegar a tempo?

Finalmente....Correr...Correr... Banho. Fardar e andar...

O Engenheiro Chefe passeava no corredor da coberta principal acompanhado de um grupo de passageiros.

A conversa parecia amena, e via-se que existia bastante familiaridade entre todos eles.

A Clara, agora acompanhada das suas amigas inseparáveis Nely e Sílvia também faziam parte do grupo.

Esta ao ver-nos afastou-se um pouco destes, antecipando-se-lhes na passada, e quase que segredando, disse que daqui a pouco viria ter connosco.

Passamos pelo grupo e cumprimentámos, atitude imediatamente retribuída por quantos ali estavam.

Perante esta tão importante notícia, para além de ficarmos radiantes, começámos a fazer contas de cabeça.

Sim, qual não seria o *custo da energia eléctrica, consumida pelo gravador a pilhas*, ao produzir o som da música, com que daríamos as boas vindas às nossas companhias.

Ao Engenheiro Chefe, não teria passado despercebido, tão segredo caloroso a avaliar pelo seu característico abanar de cabeça e sorriso amarelinho...

A música vinda da sala Cabo Verde fazia-se ouvir em quase todo o navio.

Passageiros e outros mais não se cansam de dançar ao som do sempre ritmado "*batuque*" da bateria do conjunto privativo de bordo.

A temperatura ambiente da sala, começa a subir, deixando avinhar que algo de anormal se está a passar.

Mas o ruído de toda aquela farra e a total entrega dos convivas, quase que faz com que este pormenor passe despercebido.

Enquanto isso, esperamos a todo o momento que as nossas "*divas*", dêem entrada na já quentíssima e superlotada sala de baile.

Eis que é chegado tão esperado momento...

Vamos? Um sobrolho, que se levanta em simultâneo.

No bar, outros passageiros, visitantes e alguns membros da tripulação cavaqueiam, entre dois ou três *whikies*, muito "*marados*", pela água destilada, destinada às baterias.

Quando nos preparamos para dar o "*fora*", uma mão no ar, a do 2.º Veloso, chama-nos.

A "*noite estava feita*". Coincidência ou não. O abanar da cabeça do engenheiro Chefe, havia "*coincidido*" com a uma avaria no sistema de Ar Condicionado.

Só mais tarde, viria a compreender, a "*simultaneidade das avarias*", com as boas coisas da vida.

Programar em alto som, nunca..nunca mais...

Isto é quase verdade, E sem divagação. Algum romance, saudade, Mas também prosa e ficção.